

Resenha

Sonia Maria Giacomini*

Gerações, família, sexualidade.
Gilberto Velho, Luiz Fernando Dias (orgs)
7Letras
Rio de Janeiro: 2009, 96 p.

O livro **Gerações, família, sexualidade** é resultado da mesa homônima do Seminário “Roberto Cardoso de Oliveira – Transformações sociais e culturais no Brasil contemporâneo: perspectivas antropológicas”, realizado em 2007 sob o patrocínio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional/UFRJ, com apoio da Finep.

Organizada por Gilberto Velho e Fernando Dias Duarte, a publicação conta, além de artigos dos dois organizadores, com a contribuição de outras três autoras, formando um conjunto com longa e respeitável trajetória acadêmica e forte inserção na universidade brasileira, sobretudo nas áreas da Antropologia das Sociedades Complexas e da Antropologia Urbana.

Em “Sujeito, subjetividade e projeto”, texto de Gilberto Velho que abre a publicação, o autor chama a atenção para as referências teórico-conceituais mais significativas que vêm alimentando sua reflexão sobre sujeito, subjetividade e projeto: Simmel (cultura objetiva) e Schutz (projeto), mas também Dumont, por meio de suas análises sobre holismo e individualismo e da caracterização da especificidade da visão de mundo moderno-contemporâneo ocidental. Também é percorrido um amplo espectro de autores, passando por Park, Blumer, Hughes, Becker, Goffman, James, Dewey, todos direcionados para a investigação das motivações individuais por meio da ação social.

Destaque-se, na reflexão do autor, a incursão pela Antiguidade, através da análise de textos de Sêneca e Cícero, interrogando-se sobre os significados e sentidos dos indícios e evidências neles encontradas: as de “uma consciência da tensão entre uma vida interior e o mundo da cultura objetiva, nos termos de Simmel” (p. 11). A mesma preocupação em ampliar o escopo de sua própria interpretação – que já enfatizou “a

* Sonia Maria Giacomini é doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ, 2004, mestre em Antropologia Social pela UFRJ, 1992. É professora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio. Suas principais áreas de interesse são: gênero, corpo, sexualidade e geração em contextos de sociabilidade no Rio de Janeiro. E-mail: sgiacom@puc-rio.br

estreita relação entre individualismo moderno e condutas organizadas para atingir finalidades específicas” – também se verifica em relação à noção de *projeto*, a partir da leitura de pensadores antigos de diversos estilos e épocas em quem, como em Platão, vai encontrar “planos e estratégias que não podem ser compreendidos somente através da lógica da polis, do Estado ou das famílias e linhagens” (p. 12).

A preocupação com a formulação de um modelo mais abrangente para a interpretação da vida privada nos diversos segmentos da vida urbana brasileira contemporânea é o que inspira o artigo de Luiz Fernando Dias Duarte – “Família, moralidade e religião”. O contexto brasileiro a partir dos anos 70 é caracterizado como marcado por uma abertura do mercado simbólico, mediante ruptura da hegemonia automática do catolicismo e a instauração de um dinamismo intenso relacionado à abertura para a negociação de um *ethos* privado e a consequente busca de *status* atribuído, em detrimento do *status* adquirido. A análise desse contexto, caracterizado por um conjunto de mudanças e tensões, careceria de recursos analíticos adequados, do que decorre uma certa repetição circular, sobretudo na área da família, moralidade e religião, esferas que são consideradas focos ou “pedras de toque dos processos de ‘desentranhamento’ ou transformação moral”. É com a intenção de analisar a complexidade desses processos que Duarte apresenta a proposta de utilização do conceito batesoniano de “cismogênese”, tendo como hipótese a da existência de uma dimensão mais englobante a atravessar o conjunto, a que se refere como um tipo de “agonismo dialético”.

Ao propor que a análise das tensões contrastivas apontadas sejam pensadas como cismogêneses – cf. Bateson, “processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante das interações cumulativas entre os indivíduos” ou “estudo das reações dos indivíduos às reações de outros indivíduos”¹ – o autor parece particularmente interessado em apontar algumas das dimensões críticas do processo interinstitucional em curso no campo analisado, com fortes implicações para o *ethos* privado dos fiéis. Assim, por exemplo, a “congregação”, com seus exigentes conclamas de fidelidade e de controle rigoroso do comportamento, impondo uma vida moral com dinâmica muito peculiar; o comprometimento corporal radical e intenso ou “incorporação”, seja sob a forma de “transe”, “possessão” ou de “estados alterados de consciência” (p. 36). Também examina a “batalha espiritual”, que carrega consigo tanto a noção de um palpável “mal ativo nas coisas humanas”, quanto de um ente maligno exógeno que contribuiria para conferir ao “cenário da “salvação” um caráter não transcendente, voltado para a obtenção de alívio ou remédio para as aflições terrenas, mundanas, corporal e sensorialmente vivenciadas”. Finalmente, o autor trata da plasticidade

¹ Cf. Duarte, Luiz Fernando Dias, *Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo*, p.24. In: Velho, Gilberto e Duarte, Luiz Fernando Dias. 2009. Gerações, família e sexualidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. Ambas as citações são de Bateson, Gregory. Naven: a survey of the problems suggested by a composite picture of a New Guinea tribe drawn from three points of view. Stanford: Stanford University Press, 1958, p.175.

que tem tornado possível, em particular para os neopentecostais, incorporar elementos das lides “inimigas”, característica que viria a reforçar ainda mais o “estado agonístico do campo” (p. 36). “O conceito de cismogênese”, conclui Duarte, “parece suficientemente nítido e articulado para iluminar certos aspectos dessas desafiadoras tensões contrastivas”.

O texto de Myriam Lins de Barros – “Três gerações femininas em famílias de camadas médias” – tem por foco uma geração de mulheres adultas de famílias dessas camadas sociais (geração pivô) e procura problematizar, de forma conjugada, a questão geracional e as relações de gênero, indagando-se a respeito de rupturas e continuidades entre essas gerações de mulheres. Aqui também reafirma-se uma ideia que atravessa o conjunto dos artigos: as mudanças sociais e a percepção contemporânea das transformações sociais em curso encontram-se lado a lado com a permanência de valores e de instituições, tecendo a trama complexa das relações sociais na sociedade contemporânea moderna. Dando continuidade a uma série de pesquisas sobre camadas médias no Brasil que vêm apontando para o não-monopolitismo da ideologia individualista em nossa sociedade², procura fazer emergir a diversidade de expressões do individualismo por meio da comparação das interações sociais das três gerações estudadas.

As mulheres da geração pivô, conclui a autora, herdeiras e protagonistas da convulsão social dos anos 60, constituem, simultaneamente, o contraponto e a inspiração para suas mães e filhas. Frente aos ideais de autonomia e independência associados à geração pivô, há uma relação ambígua e contraditória entre as três gerações sob análise: “As diferenças entre as visões de mundo e de comportamento entre a geração pivô e a mais jovem (22 e 36 anos) são mais sutis do que aquelas observadas entre a geração pivô e suas mães” (p. 55).

Completam a publicação dois artigos sobre sexualidade: o de Jane Russo sobre “A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis”, e o de Maria Luiza Heilborn, sobre “Homossexualidade feminina em camadas médias no Rio de Janeiro sob a ótica das gerações”. O primeiro interroga sobre os sentidos e nexos existentes na aparente disjunção entre, por um lado, a intensa medicalização da sexualidade, por meio da produção de medicamentos, e o tratamento das “disfunções”, que não comparecem na agenda dos movimentos em prol dos direitos sexuais; de outro lado, a politização da diversidade expressa na transformação da sexualidade periférica ou desviante em objeto de intensa ação política. O segundo texto segue sugestão de Gayle Rubin para a necessidade de realização de estudos sobre homossexualidade que adotem uma perspectiva diacrônica que possibilite a identificação de certos formatos e contextos. Nesse sentido, o artigo procura levantar questões sobre o tema da mudança social no que diz respeito à sexualidade, procurando explorar a dimensão da comparação

²Ver Velho, Gilberto, Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

longitudinal e geracional. Apresenta, também, uma preocupação em explorar o tema por meio da idéia de apresentação de si, sem ficar restrito ao viés da identidade sexual que tende a ser considerada a instância definidora da subjetividade na pessoa moderna.

Trata-se, sem dúvida, de um conjunto de textos que trazem uma contribuição significativa para a problematização de temas e questões cruciais para o entendimento e interpretação da sociedade brasileira contemporânea. Interessa a todos aqueles que, cientistas sociais, psicólogos, historiadores, especialistas nas mais diferentes disciplinas ou simplesmente leitores interessados, procuram nas abordagens antropológicas das gerações, da família e da sexualidade a ampliação e enriquecimento do conhecimento de formas e interações sociais contemporâneas e que vêm, frequentemente, desafiando esquemas e modelos lineares de interpretação.